

OMS teme surgimento rápido de cidades vítimas de megacrises

JORNAL DO BRASIL

64

GENEBRA — A Organização Mundial de Saúde teme que o mundo esteja se aproximando rapidamente do que ela classificou de megacrise. O alerta foi feito ontem durante a Assembléia Mundial de Saúde que se realiza em Genebra com a participação de representantes de 166 nações. Segundo a OMS, a população urbana nos países em desenvolvimento será muito em breve o dobro da industrializada, o que vai acelerar o surgimento de magacidades que, por sua vez, vão gerar megacrises. Só a população urbana da África, por exemplo, será três vezes superior à da América do Norte.

Atualmente, de acordo com a OMS, onze cidades do países em desenvolvimento já alcançaram a estatura de megacidades, número que vai mais do que triplicar até o ano 2000, quando deverá chegar a 35.

A OMS lembrou, em relatório, que até mesmo o conceito de que respirar pode ser perigoso, usado em situações excepcionais, para dar ênfase a uma situação, deve ser levado a sério em várias

cidades, atingidas por uma elevado grau de deterioração da saúde urbana. "O crescimento urbano sem precedentes que houve na segunda metade do século foi acompanhado de perto por uma enorme explosão demográfica no mundo em desenvolvimento", destaca a OMS.

Segundo a OMS, a ONU calcula que há na América Latina mais de 20 milhões de crianças — soma equivalente às populações de Paris e Londres — não têm casa nem dispõem de um teto, "são os chamados meninos de rua". Além disso, as milhões de mulheres que vivem em países em desenvolvimento correm uma risco de morrer durante o parto 150 vezes maior do que as que vivem em nações industrializadas.

A OMS destacou ainda que 253 milhões de pessoas das cidades de países do Terceiro Mundo não contam com água potável e saneamento básico, o que aumenta o perigo do surgimento de surtos de enfermidades como a cólera, "como acontece agora na América Latina".

O relatório destaca ainda que várias áreas europeias já atingiram níveis de contaminação que excedem os limites, mas que esse fenômeno é mais grave no mundo em desenvolvimento, já que o controle desse tipo de problema requer equipamentos sofisticados, laboratórios e pessoal especializado. Por isso, cerca de 24 mil pessoas só na América Latina morrem anualmente em virtude da exposição permanente a elevados níveis de contaminação atmosférica.

Segundo o diretor da divisão da OMS especializada em enfermidades tropicais, Jose Najaera, cerca de dois milhões de pessoas estão sujeitas a contrair malária. Desse total, 95% em apenas 25 países, liderados pela Índia (39%) e Brasil (11%), seguidos por Afeganistão, China, Sri Lanka, Tailândia e Vietnã.